DOS OLHOS DE BRAGANÇA – UMA POÉTICA DA JANELA

Márcio Santos Lima[1]

FROM THE EYES OF BRAGANÇA – A POETICS OF THE WINDOW

DE LOS OJOS DE BRAGANÇA – UNA POÉTICA DE LA VENTANA

1 Doutor em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da USP e professor efetivo no curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de Sergipe. E-mail: desenho.lima@ifs.edu.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2696323318828759 ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7775-8504.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

PALÍNDROMO

RESUMO
O texto relata o percurso de investigação baseada nas artes, que parte de um estudo de caso realizado na cidade de Bragança, em Portugal. A proposta pretende captar e (re)interpretar graficamente, através de desenhos *in loco,* janelas percebidas nas ruas da zona histórica, as quais despertaram interesse visual e afeto no processo de observação e fruição em caminhadas cotidianas. Foram realizados, no outono de 2021, mais de 40 desenhos dos mais variados estilos de janelas, com ênfase em questões antitéticas como espaço de ida e volta, dentro e fora, preservação e descaso, público e privado, pertencimento e abandono. A janela que, simbolicamente, representa o olho de moradas, transita entre o concreto e o imaginário, entre o popular e o particular, muito além de sua função construtiva.

Palavras-chave: Desenho. Janela. *Sketches*. Artes visuais. Bragança.

ABSTRACT
The text reports the course of research based on the arts, part of a case study carried out in the city of Bragança, in Portugal. The proposal aims to capture and (re)interpret graphically, from drawings in loco, windows perceived in the streets of the historic area, which aroused visual interest and affection in the process of observation and fruition in daily walks. In the fall of 2021, more than 40 sketchs of the most varied window styles were carried out, with an emphasis on antithetical issues such as the back and forth space, inside and outside, preservation and neglect, public and private, belonging and abandonment. The window, which symbolically represents the eye of dwellings, transits between the concrete and the imaginary, between the popular and the particular, far beyond its constructive function.

Keywords: Drawing; window; sketches; visual arts; Bragança.

RESUMEN
El texto relata el curso de una investigación basada en las artes, parte de un estudio de caso realizado en la ciudad de Bragança, en Portugal. La propuesta pretende captar y (re)interpretar gráficamente, a partir de dibujos in loco, ventanas percibidas en las calles del casco histórico, que despertaron interés visual y afecto en el proceso de observación y fruición en los paseos cotidianos. En otoño de 2021 se realizaron más de 40 bocetos de los más variados estilos de ventanas, con énfasis en temas antitéticos como el espacio de ida y vuelta, adentro y afuera, conservación y desamparo, público y privado, pertenencia y abandono. La ventana, que representa simbólicamente el ojo de las viviendas, transita entre lo concreto y lo imaginario, entre lo popular y lo particular, mucho más allá de su función constructiva.

Palabras llave: Dibujo; ventana; bocetos; Artes visuales; Braganza.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

Introdução

A investigação artística que ora apresento faz parte de um estudo de caso realizado na cidade de Bragança, em Portugal, o qual está vinculado ao Laboratório de Artes na Montanha – Graça Morais (LAM), um centro de pesquisa do Instituto Politécnico de Bragança (IPB). A proposta pretende captar e (re)interpretar graficamente, a partir de desenhos *in loco*, janelas percebidas nas ruas da zona histórica, as quais despertaram interesse sensorial, afeto e memória corporal no processo de observação e fruição em caminhadas cotidianas.

Questões como espaço de ida e volta, dentro e fora (fig. 1), preservação e descaso, público e privado, pertencimento e abandono são focos de interesse desta pesquisa, a qual procura refletir a respeito dessas antíteses observando e desenhando as janelas de Bragança Comecemos pelo contexto da cidade em questão.

A história da origem de Bragança é incerta, e podemos encontrar várias versões acerca de sua toponímia. Há a hipótese de influência de povos como os suevos, visigodos e, mais tarde, romanos e mouros.

Lugar de recorrentes conflitos, Bragança conforme a conhecemos hoje é uma cidade construída a partir de sua cidadela murada, uma região fronteiriça, datada do início do século XII, que remonta a tempos de vigilância e defesa frente às possíveis guerras daquele período. (CM--Bragança, 2022).

Mas o que é de maior interesse para esta pesquisa é a paisagem urbana que Bragança oferece, sobretudo na zona histórica, que ainda conserva resquícios de um período medieval, com influências diversas e construções de igrejas, conventos, casas brasonadas e moradas populares, sendo essas últimas o centro da investigação artística que trago neste texto, enfatizando sua beleza, elegância, vigor e até possíveis problemas sociais.

FIGURA 1.

Márcio Lima. *Vista de dentro para fora, janela da Domus Municipalis*, 2021. Desenho em caneta nanquim e aquarela s/ papel, 15x20cm, acervo do artista.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

Um problema perceptível, por exemplo, quando andamos pelas ruas da zona histórica de Bragança, é o da emigração, e as janelas parecem denunciar tal situação. Isso não ocorre em outras regiões da cidade onde o fluxo de jovens é crescente devido à instalação do Instituto Politécnico (IPB), que, desde 1983, contendo cinco escolas de Ensino Superior, atrai um contingente de mais de oito mil estudantes todo ano, os quais movimentam a economia, a cultura, as artes e as ciências, além de oferecerem ares joviais à cidade secular (IPB, 2022).

Mas essa presença jovial, apesar de ser localizada, em termos de moradia, é transitória, pois a cidade não fixa os formandos, os quais continuam o movimento emigratório de sempre para as regiões costeiras de Portugal, a exemplo de Porto e Lisboa, e para outros países da Europa, em busca de trabalho e ascensão profissional, tornando Bragança – *o locus* desta pesquisa – um lugar de passagem.

Quando volto os olhos para algumas fachadas no centro histórico, me deparo com uma melancólica sensação de abandono e descaso, com um cenário de muitas casas fechadas, em estado de degradação, possivelmente de poucos restauros ou reformas, e entregues aos caprichos do tempo. Mas as janelas não apresentam apenas essa vista. Elas me fazem refletir sobre questões comportamentais, sociais, econômicas e culturais presentes no contexto bragançano. Saliento que cada edificação tem um olhar específico para com os passantes. Parece uma relação recíproca.

Mas qual a minha justificativa para um estudo de campo gráfico poético das janelas, esse que é um elemento construtivo tão comum do nosso cotidiano, o qual, por vezes, passa despercebido? Apesar da aparência trivial, ressalto que foi um dos primeiros estímulos sensoriais a me afetar ao chegar em Bragança, o que me fez olhar com outros olhos o espetáculo citadino desse lugar, e me conduziu à investigação.

Para além de um buraco na parede, ou de um elemento de funções arquitetônicas, a janela agrega em si aspectos outros que transitam entre o concreto e o imaginário, entre o popular e o particular, o que carreia

FIGURA 2.

Márcio Lima. Desenho de janela, 2021. Desenho em caneta nanquim e aquarela s/ papel, 15x20cm, acervo do artista.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

consigo significados que vão desde sua objetiva função construtiva até sua representação social nas diversas culturas da humanidade (Figura 2).

Para Leonardo da Vinci (2004, p. 101), por exemplo, a alma humana se porta confortavelmente em sua prisão/corpo devido à cômoda posição de ver a beleza do mundo de dentro para fora, sem precisar sair, a partir de sua janela/olho. “Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo?”, pergunta.

Essa brecha, calculadamente construída, não surge do acaso, mas a partir de necessidades próprias de moradias no pensamento arquitetural. Marca o início das preocupações com o bem-estar nas habitações humanas. Reconfigura o olhar da arquitetura no Renascimento, emprestando sua moldura para a organização matemática do espaço conhecida por perspectiva central – olhar através de. Nesse contexto, “[...] o aparecimento da janela no universo da linguagem arquitetônica confunde-se com o esforço de sistematização dos conhecimentos matemáticos para a racionalização e, consequentemente, representação do espaço através da perspectiva.” (JORGE, 1995, p.51).

Palavras como ventilação, iluminação, abertura, privacidade e proteção são facilmente compreendidas no conjunto de sentidos que envolvem esse simbólico elemento arquitetônico tão presente no cotidiano da humanidade. Destarte, desejo apresentar uma abordagem poética das janelas que me afetaram nas andanças que fiz pelas ruas da cidade de Bragança, Portugal, especificamente na zona histórica desse sítio.

O que aquelas janelas têm a me contar? Estou sozinho a observá-las? Quais significados e afetos elas provocam em mim? Elas parecem comunicar alguma coisa? Qual a potência resultante desse encontro?

Para responder a essas indagações e a outras que foram surgindo no percurso, optei pelo desenho de locação como ferramenta de coleta de dados e poesia. Esse tipo de grafia se caracteriza por ser realizado no local, sem o auxílio de fotografias, onde o clima, a atmosfera, o barulho, o vento, a luz, a sombra, o tempo são elementos constituintes do ato de

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, p.01-22, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

desenhar na rua, agregando características outras não apenas à coisa observada, mas a todo o seu entorno. É uma experiência corporal, vai além do visual, como afirma Pallasmaa (2011, p. 37 e 38)

> Eu confronto a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre molduras e curvas, sentindo o tamanho de recursos e projeções; meu peso encontra a massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior. Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio da minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem.

Antes de descrever essa experiência corporal da cidade, devo abordar como base teórica de investigação três aspectos neste texto que julgo relevantes para a compreensão de um olhar poético sobre o objeto pesquisado, são eles: o construtivo, o antropomórfico e o simbólico.

Aspecto construtivo

"[...] a porta era óbvia. A janela é a primeira invenção da Arquitectura." (TAVORA apud SILVA, 2008, p. 5). A abertura em uma parede, seja retangular, quadrada, circular, oval ou de qualquer outra forma, com a função primeira de permitir iluminação, ventilação, visibilidade exterior e interior de uma edificação, é uma categoria que chamamos de janela, denominadas, em alguns casos específicos, como óculos, claraboias, lanternins, lunetas etc.

A janela é um vão que tem sido adicionado nas construções com o passar do tempo, evoluindo para dimensões cada vez maiores devido ao avanço das tecnologias construtivas, resolvendo o histórico problema de enfraquecimento de uma alvenaria, pois "furar uma parede era enfra-

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, p.01-22, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

quecê-la", já dizia Le Corbusier (1995, p.103). Por isso, a parede deveria ser reforçada com elementos que assegurassem sua segurança: "Tradicionalmente uma janela tem uma verga (viga que fecha superiormente o vão), duas ombreiras e o peitoril (superfície de fecho horizontal na parte inferior)." (SILVA; CALADO, 2005, p. 207).

A verga também é conhecida por padieira, lintel ou dintel; as ombreiras, por umbrais ou jambas; e o peitoril, por soleira. Esses elementos básicos emolduram o perímetro do vão. São compostos por pedras de cantaria, as quais absorvem e distribuem a carga em torno da janela na parede, além de garantirem sua forma estética, a qual sempre esteve dependente da evolução dos sistemas construtivos e estruturais que se modificavam a cada época na história da arquitetura.

É possível afirmar que as cantarias são as molduras das janelas, muitas vezes caracterizando o espaço e denunciando a classe social dos habitantes. Essas molduras, em muitos casos, traziam consigo outros elementos, a exemplo de cornijas, faixas, frisos, pilares, coberturas e pórticos. Além da prática função de oferecer estabilidade, equilíbrio, proteção e desviar as águas pluviais, esses "agregados" conferiam uma boa aparência aos vãos, acompanhando as diversas transições estilísticas na história da arquitetura.

Há quem afirme, inclusive, que "a cantaria é na Construção Civil o material mais rico" (COSTA, s/d, p. 1). Sua presença ainda é muito comum, independentemente do nível de relevância e imponência de seus habitantes. Na zona histórica de Bragança, é raro encontrar alguma janela, seja ela com maior ou menor grau de nobreza, sem cantaria. Para Costa,

> A aplicação de cantarias num edifício dá-lhe riqueza, não só pelo seu valor como pelo aspecto e nobreza da sua arquitectura. Nas edificações de modesta condição apenas se assentam cantarias a guarnecer os vãos de portas e janelas e nada mais. (COSTA, s/d, p. 2).

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

Em Portugal, grande parte das cantarias ainda é produzida em pedras de lio e granito, além de uma grande variedade de pedras das diferentes regiões e até em madeira. Na zona histórica de Bragança, essas molduras são majoritariamente construídas em granito, o mais duro e resistente material, podendo-se atribuir isso à sua abundância no Norte do país, apesar de ser possível observar sinais de modificação no emprego de materiais modernos devido à necessidade de reformas que utilizam acabamento de reboco de cimento para não perder a aparência tradicional. (COSTA, s/d, p. 2).

A grande maioria das janelas da zona histórica de Bragança é vedada por caixilhos envidraçados em sua parte exterior e por portada de madeira na região interior. É comum encontrar muitos desses caixilhos em folhas de pinázios, permitindo um quadriculado elegante à sua aparência. Há janelas de abertura francesa (para dentro da casa), inglesa (para fora da moradia), de correr (desliza em calhas horizontais) e de guilhotina (desliza em calhas verticais). Essa última, apesar de ter caído em desuso em outros sítios, ainda é possível ser encontrada muitas vezes na cidade.

Outros elementos que interferem demasiadamente na aparência das janelas são os filtros. A maioria dos moradores e comerciantes da zona histórica de Bragança utiliza cortinas como solução, porém é comum encontrar também estores, uma espécie de persiana de enrolar desenvolvida no século XIX “que se recolhe na vertical por meio de um sistema de calhas, alojando-se numa caixa que encima a abertura da janela” (SILVA, 2008, p. 23). Esse elemento pode ser interno ou externo, manual ou elétrico, com a finalidade de elevar a privacidade, diminuir a luminosidade e propiciar um controle térmico ao ambiente interno.

Até aqui foi possível observar detalhes descritivos e funcionais das janelas percebidos nas ruas de Bragança, mas, para uma profunda análise poética que pretendo desenvolver neste texto, é preciso dar um passo adiante. Como afirma Gaston Bachelard,

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

Márcio Santos Lima

> [...] não se trata de descrever casas, de detalhar os seus aspectos pitorescos e de analisar as razões de seu conforto. É preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição — seja essa descrição objetiva ou subjetiva, isto é, que ela diga fatos ou impressões — para atingir as virtudes primeiras, aquelas em que se revela uma adesão, de qualquer forma, inerente à função primeira de habitar. (1993, p. 199).

Convém, então, avançar um pouco mais a análise por outros caminhos, observar referências e simbologias, seus significados antitéticos e suas relações antropomórficas para se chegar, enfim, a uma possível poesia sobre as janelas de Bragança.

Aspecto antropomórfico

Por mais óbvia e comum que pareça ser a comparação da janela com o olho humano, vale destacar algumas observações que me fizeram permanecer nesse caminho, aparentemente, previsível, que faz alusão ao sentido mais superestimado de nosso corpo, porém muito rica em significados que me atravessaram nas andanças pela cidade.

"Há que compreender o olho como a 'janela da alma'", já dizia Merleau-Ponty (2014). O filósofo, ao explorar o tema da visualidade, cita Leonardo da Vinci, basilar para o início de sua abordagem, quando sugere que o olho é a janela da alma, a qual faz revelar tudo o que não é alma, ou seja, o mundo. É a partir desse vão que olhamos e enxergamos tanto o externo quanto o interno. "Esse ser de duas dimensões, que me faz ver uma outra, é um ser esburacado, como diziam os homens do Renascimento, uma janela". (MERLEAU-PONTY, 2014).

Ao evocar atributos humanos para uma habitação, sugiro menos uma análise topológica e descritiva do que uma reflexão imbuída de razão e emoção, próprias do humano. Com isso, ao olharmos para o aspecto antropomórfico de uma casa, podemos garantir a adesão de caracterís-

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, p.01-22, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

ticas humanas à função original de habitar (BACHELARD, 1993, p. 199).

Encontramos no vocabulário arquitetônico, por exemplo, termos advindos de referências antropomórficas, tais como: pé direito; fachadas; ombreiras; peitoris; colunas; rodapés; braços; pernas, óculos, entre outros. Muito comum e presente no universo do imaginário coletivo, essa aproximação com o corpo humano, ao mesmo tempo que se apropria de seus atributos, assume a função de proteção e abrigo do próprio corpo. (CHAUÍ, 1998)

Para Bachelard (1993, p. 200), em sua obra *A poética do espaço*, cada divisão da casa sugere um cômodo de características psíquicas do indivíduo, na medida em que a casa "é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos". Assim, a aproximação com o corpo não é apenas externa, mas, do mesmo modo, interna. Pode-se compreender também que a habitação, assumindo simbolicamente qualidades humanas, tem atributos, igualmente, humanos. Nessa perspectiva, "[...] uma lâmpada espreita à janela. [...] Pela luz distante da casa, a casa vê, vigia, supervisiona, espreita". (BACHELARD, 1993, p. 219).

Embora possa, sem tanta dificuldade, fazer aproximações com os sentidos de audição e de olfato, pela associação com sons e cheiros que transitam por esse vão, a janela assume, com muito mais propriedade, as características do olho humano. A partir dela, a casa tem acesso à paisagem externa, vigia seus movimentos, observa e contempla a beleza do mundo, supervisiona e espreita o cotidiano alheio.

> Ela [a janela] deixou de ser um buraco na parede, para tornar-se um instrumento da visão que se interrompe ou diminui de intensidade convenientemente. A difusão das venezianas articuladas e, sobretudo, do vidro, que possui a propriedade da reflexão, de espelhar, tal como a superfície do olho, reforça, mais uma vez, essa aproximação.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

> O olho espelha o mundo. A janela também o espelha. (JORGE, 1995, p. 45).

Sob o aspecto antropomórfico, a janela é o olho da casa, portanto, para a investigação artística que motiva este texto, as janelas das moradas de Bragança são os olhos da cidade brigantina, e podemos ampliar ainda mais essa discussão quando direcionamos a atenção para o universo simbólico e representacional do nosso objeto de estudo.

Aspecto simbólico

Janela, ou *januella*, em sua derivação do latim vulgar, significa o diminutivo de porta (janua), que remete a passagem, entrada ou acesso. Fisicamente, uma redução ou subtração da parte inferior da porta, a qual chamamos de peitoril. Para Jorge (1995, p. 23), esse pormenor diz mais que uma mudança dimensional, "na medida em que altera completamente a função de passagem dos homens, o deslocamento físico dos corpos, para a passagem da luz, do ar, do olhar". O autor conclui:

> Aqui tocamos num ponto de profundo significado ontológico para a arquitetura: a abertura para a luz é uma forma de construção espacial. A história da arquitetura é também uma história da apropriação, do domínio, do aprisionamento e da "manipulação" da luz num espaço interior, o que implica a intencionalidade de fazer dessa operação iluminadora uma operação transubstanciadora: luz em espaço qualificado.

A abertura para a luz tem outro significado além do físico. Tem a sugestão da revelação, do trazer à tona algo escondido. A capacidade de desvelar o que ainda está latente. E esse caminho leva a janela para o lugar de onde se pode ver e ser ou não visto, lugar de namoro, de conversas, lugar de onde se assiste a desfiles, procissões, romarias, lugar de distração para o confinado, mas também lugar de onde se espreita o que

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

há de oculto e o que desperta desejos.

No entanto, devo enfatizar que o que mais me motiva nesta investigação é a relação da janela com a cidade, com a contemplação do desenvolvimento da vida urbana. E é no Renascimento que a cidade é vista como uma verdadeira atração, um "espetáculo do cotidiano" assistido pelos camarotes/janelas.

> A casa é o lugar privilegiado desse olhar. Da sala da casa ou das sacadas que avançavam sobre a rua partiram os vários tipos de olhares: o contemplativo, o vigilante, o amoroso, o curioso. Olhares que participam intensamente da criação dos novos códigos de comunicação social. (JORGE, 1995, p. 36).

A janela, nesse contexto, se apresenta como o lugar da contemplação, do olhar indiscreto por detrás das persianas e cortinas, fonte de entretenimento e diversão: "Ali se espia, ali se olha; ali se conversa de um vão ao outro; ali as pessoas se fazem ver." (JORGE, 1995, p. 37). Não obstante, existe também uma certa reciprocidade nesse ato de espreitar. Há o que posso chamar de significados antitéticos da janela.

> O ponto onde se encontram o longe e o perto; o exterior e o interior; o grande e o pequeno; o vazio e o cheio; o geral e o particular; a ideia e a matéria. É o limite no qual a luz passa a ser um material apreensível, moldável, maneável e paradoxalmente, o lugar a partir do qual a luz também se transforma em mistério. (COTELO, s/d, p. 28)

Esses sentidos antitéticos da janela podem ser justificados ainda através de sua etimologia. Como advém da palavra *Janus* (Jano), divindade das portas de passagem, o deus que dá início e é abridor de todas as coisas, que olha para dentro e para fora, o nosso objeto de investigação se apresenta com a mesma ambiguidade e duplicidade, é o que Jorge (1995, p. 21, 22) explica da seguinte maneira:

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

> Jano era representado com duas faces (bifrons), uma voltada para frente e a outra para trás, sugerindo vigilância constante ou simbolizando sua sabedoria, como conhecedor do passado e advinho do futuro. “Seu duplo rosto aparece sobre alguma das primeiras moedas romanas. É o deus dos amanheceres e o guardião do nascimento”.

Isso faz todo o sentido quando olhamos para a janela como elemento que permite, ao mesmo tempo, acesso ao interior e ao exterior de uma morada. Há uma ambiguidade, duas faces reunidas em um só objeto. Assim como enxergamos de dentro, podemos fazer o mesmo do lado de fora. A janela tanto une como separa. Subverte o sentido de redução da porta quando se repete sobre a fachada – enquanto a porta é única, a janela se multiplica, se expande, e permite contato com o exterior a qualquer ambiente interno. (JORGE, 1995, p. 40).

As janelas são olhos dispostos nas faces das casas que olham, mas que também podem ser vistas. Essa foi, exatamente, a sensação que tive ao passar pelas ruas de Bragança. Estive em todos os percursos atento, observando e anotando graficamente o que via, porém sentia que estava, igualmente, sendo vigiado, observado. Não havia um movimento único. Havia reciprocidade.

O estudo desenvolvido conta com mais de 40 desenhos de janelas feitos no local, sem auxílio de fotografias, no outono de 2021, sensíveis às mudanças de tempo, luz, cheiros, sons, enfim, expostos aos mais variados sentidos do corpo, o que confere afecções especiais tanto ao processo desenhístico quanto ao resultado gráfico obtido.

A poética da janela

Pelas ruas que conservam uma história, um passado, mas também um presente, de uma cidade secular de herança românica, cheia de valores culturais e patrimoniais, segui a observar e a desenhar os olhos de Bragança.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

> O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o "outro lado" de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa seja o que for assimilando-o, constituindo-o, transformando-o em pensamento – mas um si por confusão, por narcisismo, inerência daquele que vê ao que ele vê, daquele que toca ao que ele toca, do senciente ao sentido – um si que é tomado portanto entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro. (MERLEAU-PONTY, 2014).

Meu olhar se vê vidente ao mesmo tempo que visível a outros olhares. Há reciprocidade na observação, vejo, mas sou visto. Há uma potência nessa troca perceptiva no momento em que me exponho ao tentar perceber desenhando o exposto.

Vejo olhos abertos como que desejando me dissecar. Estão a olhar para mim, a me observar à espreita. Quem será? Olhos furtivos e vigilantes? Atentos ao espetáculo urbano? Curiosos e sensíveis ao movimento do cotidiano? (fig. 3).

Ao percorrer as ruas antigas de Bragança, percebo, opostamente, olhos fechados, cerrados e escurecidos. Negam-se a olhar ou foram privados da visão? Não há luz a entrar, tampouco a sair. São janelas ressignificadas, subvertidas, um tipo de *ready-made* ao ar livre (fig. 4).

Mais adiante, a suntuosidade e exuberância coabitam com a simplicidade e dureza de olhos crus. De um lado, a beleza dos entornos e adereços apregoa a elegância e o conforto do lugar que inspira um olhar superior e altivo, como quem está tanto a amparar quanto a julgar outrem. Olhos maquiados, alinhados, impecáveis. Do outro, a ausência de adornos e caprichos denuncia sua condição social, seu vigor desfalecido, seu cansaço da lida. Olhos desnudos, limpos e sem máscaras (fig. 5).

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

FIGURA 3.

Márcio Lima. Olhos observadores, 2021. Desenhos em caneta nanquim e aquarela s/ papel, 15x20cm cada, acervo do artista.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

FIGURA 4.

Márcio Lima. Olhos modificados, 2021. Desenhos em caneta nanquim e aquarela s/ papel, 15x20cm cada, acervo do artista.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

FIGURA 5.

Márcio Lima. Olhos desiguais, 2021. Desenhos em caneta nanquim e aquarela s/ papel, 15x20cm cada, acervo do artista.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

A dinâmica do olhar está no mover-se, este não pode ser fixo, mas atento e em constante movimentação para sentir e perceber sinais nem sempre evidentes, como afirma Merleau-Ponty (2014): “Meu corpo móvel conta com o mundo visível, faz parte dele, e por isso posso dirigi-lo no visível. Mas também é verdade que a visão depende do movimento. Só se vê o que se olha”.

Algumas moradas parecem refletir a alegria, a riqueza e o aconchego do desenho de suas janelas. A harmonia com o entorno sugere ares de boa vizinhança. São olhares de acolhimento e ternura que ultrapassam e escondem uma verdadeira realidade por mim desconhecida. O que observo no momento são apenas afetos que me passam ao olhar e a desenhar os olhos de Bragança. O oposto acontece em outro sítio da mesma zona histórica: seria um olho encarcerado ou protegido? Preso ou reservado? Uma janela antiga e gradeada que me faz refletir sobre seu aspecto de tristeza e desamparo, ao mesmo tempo que parece não desejar aproximação e sim distância e ausência de intimidade. Um olhar sombrio e solitário (fig. 6).

Considerações finais

A investigação artística realizada em Bragança, Portugal, no outono de 2021, busca um olhar poético sobre as janelas distribuídas nas fachadas da zona histórica daquela cidade. O ato de me mover pelas ruas a procurar cenários e elementos que me afetassem foi importante para o processo de descoberta e elocubrações de sentidos por vezes escondidos. Foram muitas as observações e anotações gráficas durante esse período. Trago a este texto apenas 10 de um montante de mais de 40 desenhos feitos no local.

A opção pelo desenho *in loco* ao invés de fotografias diz respeito ao tempo expandido, demorado e lento de fruição, o qual abdica a celeridade do clique de uma máquina para estimular a percepção corporal, que

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

FIGURA 6.

Márcio Lima. Olhos opostos, 2021. Desenhos em caneta nanquim e aquarela s/ papel, 15x20cm cada, acervo do artista.

Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

vai além dos olhos, que valoriza os diversos sentidos, sujeitos a variações de clima, cheiros, sons e de toda atmosfera citadina que influencia na hora de observar e desenhar. Todas essas sensações estão presentes em cada desenho realizado (PALLASMAA, 2011).

Nas ruas por onde passei, vi olhos, assim como eles me viram também. Expresso agora, através de meus traços, o que faz sentido para mim. Converso com os bragançanos e troco algumas palavras de informação e curiosidade recíprocas. São mais de 40 *sketchs* fruto de uma investigação dedicada e apaixonada por uma cidade que me acolheu por um semestre e hoje levo comigo em minha memória corporal, com afetos, para as futuras andanças.

PALÍNDROMO
Palíndromo, Florianópolis, v.15, n.37, **p.01-22**, out 2023-jan 2024
DOI:http://dx.doi.org/10.5965/2175234615372023e0015

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CHAUÍ, Marilena. Janela da Alma, Espelho do Mundo. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CM-Bragança. **Breve Panorâmica Histórica**. S/p. Disponível em: https://www.cm-braganca.pt/municipio/sobre-braganca/breve-panoramica-historica, acesso em: 21 jan 2022.

COSTA, F. Pereira da. **Enciclopédia prática da construção civil**. Fascículo 16. Distribuição da Portugália. Editora. 2ª ed. Lisboa, s/d.

COTELO, Victor Lopez. **El hueco, punto de inflexión**. Tectónica: monografías de arquitectura, tecnología y construcción, El Hueco, nº 4, s/d.

DA VINCI, Leonardo. **Anotações de Da Vinci por ele mesmo**. Trad. Marcos Malvezi. São Paulo: Madras, 2004.

IPB. **Descrição geral**. s/p. Disponível em: *http://portal3.ipb.pt/index.php/pt/guiaects/instituto-politecnico-de-braganca*, acesso em: 21 jan 2022.

JORGE, Luís Antonio. **O desenho da janela**. 1. ed. São Paulo: Selo Universidade Annablume, 1995.

LE CORBUSIER. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret**: 1938-1946, Vol. IV, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes. 1. ed. eletrônica. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, v. 10, p. 7-28, 1993.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida. **Dicionário de termos de arte e arquitectura**. 2005.

SILVA, Suzi Bianca de Jesus. **A janela**: Relações e Transformações no Contexto da História da Arquitectura. Prova final da Licenciatura de Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2008.

TAVORA apud SILVA, Suzi Bianca de Jesus. **A janela**: Relações e Transformações no Contexto da História da Arquitectura. Prova final da Licenciatura de Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, 2008.

Data de submissão: 06/03/2023
Data de aceite: 07/09/2023
Data de publicação: 26/10/2023